

- capitã watson foi muito misericordiosa contigo, sinceramente.
- queira desculpar meu programa, mas não consigo entender como vocês sequer chegaram nessa situação, visto que são ambas membros do corpo de polícia. nem quero calcular quantas leis contra divergentes vocês estão infringindo.
- Vê, acha que estamos infringindo leis? esqueço como para vocês androides não-divergentes tudo é preto e branco.
- o que quer dizer com isso, detetive?
- quero dizer que... porra! Vida não é algo tão simples assim! eu devo e sigo a lei assim como manda o manual, mas algumas questões são estúpidas, cheias de tecnicismos. eu fui treinada para ajudar as pessoas, todos igualmente.

você pondera por alguns segundos, analisando cada palavra da conversa, enquanto acompanha com o olhar os carros seu redor. - androides não são pessoas detetive, divergentes ou não. a vítima, o senhor Jackson, é uma pessoa, mas muito provavelmente quem o matou, não. julga que estes merecem sua proteção?

- não se pode julgar todos como culpados pelos erros de alguns. - elu te encara.
- você não é aquela suposta para estar investigando e prendendo exatamente estes que estão tentando proteger?

elu desvia o olhar e então ri cruzando os braços. - Lutaria para defender qualquer um, humano ou androides. alguns não são pura lataria, sabia? os sentimentos dos divergentes são reais, bem reais, não apenas um erro no código.

você nota que de repente é detetive ficou mais tensa, começando a pressionar as unhas contra as palmas das mãos. - detetive, você est-

- por que você dirige tão lento? o limite daqui é praticamente setenta..
- 67, exatamente. - elu te encara, arqueando as sobrancelhas. - está no meu protocolo que ao dirigir devo manter a segurança de todos à minha volta,

coisa que teria menos chances de sucesso com uma sobrevelocidade desnecessária.

– tá bom, velhote. – ela ri checando o celular. – vira aqui à esquerda.

– penso que a primeira vez que nos encontramos você disse que "máquina é máquina". – você declara como que em um argumento.

– e não volto atrás, você é uma máquina, feita de engrenagens e tudo mais, só que isso não dá direito a ninguém de te subjugar ou matar. de novo, os sentimentos são reais, mesmo que eu e você tenhamos componentes diferentes.

– você pondera sobre a discussão breve que tiveram. – está brave comigo, detetive? há algo que eu possa fazer?

ela gargalha. – que tal me dar 1 tempo, fofo?

– pensa que sou fofo, detetive?

ela pisca lentamente enquanto você desacelera em mais um semáforo. – Uhm, é uma forma de expressão.

– entendido. – um silêncio sufocante se faz presente até que é detetive tenta alcançar algo no banco de trás e começa a resmungar quando se vira novamente sem nada em mãos.

– merda.

– o que houve? o que está procurando?

– Geralmente eu levo para todos os lados a ficha do jackson e as minhas anotações do caso, mas não consigo achar nenhum agora. Raiva, caralho!

– que pena que os esqueceu detetive, mas caso precise de qualquer informação, as tenho registradas em minha memória. o que procura exatamente?

- a esse ponto? qualquer coisa, sinceramente. não sei quantas vezes já li esses papéis tentando ver por uma perspectiva diferente, mas tudo acaba em um beco sem saída.

seu programa analisa a situação. - sinceramente... que bom que vocês se envolveram com esse tal informante. graças a ele temos uma pista a seguir.

- e, mas agora temos mais perguntas ainda. nem sabemos o que um cara como ele, aparentemente de boa, poderia ter feito para que o matassem.

- Hm, talvez ele apenas estava no lugar errado na hora errada, talvez não seja sobre ele, mas sim sobre seja lá qual androide o assassinou.

- Com certeza não foi agradável estar lá naquele lugar naquela hora, mas seja lá o tipo de crise existencial que esse androide tivesse indo, ninguém merece um fim assim como o do jackson. espero que ao menos tenha sido rápido.

você não conta à elu que mesmo com a força sobre-humana de um androide, um enforcamento teria tomado alguns minutos com a vítima se debatendo. seu led começa a brilhar em amarelo.

- detetive, você entende que é contra minha programação não relatar um divergente à central, certo? ainda mais com envolvimento pessoal da sargento.

- e você entende o que é seguir uma ordem direta de não apenas uma superior, mas duas comigo, certo?

elu nota seu led mudando, então suspira. - é quase como discutir com as nuvens por insistirem em fazer chover, né? só... promete que não irá atrás dele, não aguento mais essa discussão.

seu programa se encontra em conflito, você deve fazer uma escolha de que ordem acatar, a da capitã ou de seu sistema, que o caminho inteiro até o clube eden gritou para que reportasse o divergente e fosse atrás do mesmo. seus olhos miram a pessoa ao seu lado, como se pedissem por uma direção a seguir.

um sinal vermelho ilumina seus rostos, um amontoado de pessoas atravessa a rua, talvez 6. - eu não contarei a ninguém sobre isso, tampouco tentarei encontrá-lo. é uma promessa.

ela leva a própria mão ao seu pulso, o segurando levemente, então sorri para você. - eu agradeço.

assim que a cor muda para verde ela retira a mão ao seu pulso e aponta para o semáforo, indicando para você seguir em frente. você não sabe o que sentir sobre essa interação... sentir?

- chegamos.

- tô vendo. - ela abre a própria porta e sai, quando faz menção de seguir ao clube, nota que você permanece no carro e então se debruça na janela. - então, já tá afim de ir ou nem?

71?

